



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

*ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA*

Me. Billy Graeff¹
Me. Micheli V. Ghiggi²

RESUMO: Nesse trabalho, procuramos compreender as concepções do esporte, presentes nas instituições propositoras de competições esportivas escolares e analisar os objetivos dessas, através da pesquisa bibliográfica. O fenômeno esportivo moderno, cada vez mais, se sobrepõe a outras práticas corporais, ganhando destaque nos meios de comunicação e no imaginário da população. Poderá a escola possuir uma cultura própria em contrapartida ao princípio de rendimento reprodutivo, que conduz as práticas escolares atuais? Percebemos distanciamentos entre discursos de instituições promotoras das competições escolares e o que está descrito nos regulamentos. Consideramos relevante o trabalho com as diferentes possibilidades de manifestação do esporte no ambiente escolar.

Palavras-chave: Esporte. Escola. Competições escolares.

*SPORTS AND SCHOOL: SCHOOL COMPETITION AND DISPUTES WHICH ARE AT
STAKE IN AND OUT OF SCHOOL*

ABSTRACT: In this paper we try to understand the concepts of the sport, presents in the institutions wich proposes school sports competitions and analyze these goals through the literature search. The phenomenon of modern sports, increasingly overlaps other bodily practices, gaining prominence in the media and in the imagination of the population. Can the school has its own culture in contrast to the principle of reproductive output, which leads the current school practices? Perceived distances between the discourses of institutions promoting school competitions and what is described in the regulations. Consider it important to work with the different possibilities of demonstration sport in the school environment.

Keywords: Sports. School. School competitions.

*DEPORTES Y ESCUELA: COMPETICIONES ESCOLARES Y DISPUTAS QUE
ESTÁN EN JUEGO DENTRO Y FUERA DE LA ESCUELA*

RESUMEN: Con este trabajo, tratamos de entender los conceptos del deporte, presentes en algunas instituciones propositoras de las competiciones deportivas escolares y analizar sus objetivos a través de la investigación bibliográfica. El fenómeno de los deportes modernos, cada vez más, se superpone a otras prácticas corporales, ganando importancia en los medios de comunicación y en la imaginación de la población. ¿Puede la escuela tener su propia cultura en contraste con el principio de rendimiento reproductivo, lo que lleva a las prácticas actuales de la escuela? Percibimos las distancias entre los discursos de las instituciones que promueven las competiciones

¹ Professor Assistente do curso de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) E-mail: billygraeff@gmail.com.

² Doutoranda do PPG Educação em Ciências (UFRGS) e professora da rede municipal de São Leopoldo.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA*

escolares y lo que se describe en el reglamento. Consideremos importante trabajar con las diferentes posibilidades de manifestación del deporte en el ámbito escolar.

Palabras clave: Deporte. Escuela. Competiciones escolares.

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando hoje, no Brasil, um período de expectativa diante das notícias sobre os megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de futebol masculino em 2014 e as Olimpíadas de 2016. É possível notar as influências desses acontecimentos no cotidiano da população em diferentes ambientes, tornando-se assunto de conversas e dos programas de rádio, televisão e telejornais, esportivos ou não.

Os temas Copa do Mundo e Olimpíadas passam a fazer parte das nossas vidas, mesmo que estejamos passivos diante de suas inúmeras contradições e disputas de interesses.³ Na escola não é diferente, porém, esse pode ser um espaço para o diálogo sobre todas essas questões que permeiam os espetáculos esportivos, na perspectiva de uma “relação de tensão permanente” (VAGO, 1996, p.4).

Além disso, acreditamos na importância de perceber de que forma as instituições organizadoras desses eventos podem influenciar as políticas de secretarias municipais e estaduais (principalmente de esporte e educação), como essas políticas agem nas instituições escolares, como os conteúdos da disciplina de Educação Física podem ser pautados por essas ações, e ainda, como professores e alunos compreendem esse processo.

Cada vez com mais frequência e em maior número, acontecem os “jogos” escolares, que são competições entre equipes formadas por alunos selecionados para representar suas escolas. Geralmente essas competições seguem os moldes e rituais do esporte espetacularizado, onde há uma lógica de rendimento/produtividade. A organização, as regras e os objetivos dos jogos escolares se confundem em muitos aspectos com os procedimentos do sistema esportivo institucionalizado (SAWITZKI, 2010).

³ Para Damo (2011) o poder de impor regras que a FIFA (Federação Internacional de *Football Association*) e o COI (Comitê Olímpico Internacional) possuem, só não é mais impressionante do que a passividade com que elas são recebidas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA**

Os eventos esportivos escolares demandam uma série de preparativos, como o ensino e a prática das modalidades, as “peneiras”⁴ para selecionar os alunos que irão participar das competições, uniformes, deslocamentos, entre outros. Geralmente os alunos não participam das escolhas nesse processo, ele apenas é escolhido, ou não. A escola e as aulas de Educação Física seguem os princípios do sistema esportivo hegemônico, seus códigos e símbolos perdendo autonomia, abrindo mão, muitas vezes, de seus ideais pedagógicos.

Nas cidades de Rio Grande e Pelotas, por exemplo, os principais jogos esportivos, que envolvem boa parte da comunidade escolar por um longo período, são os jogos escolares municipais de cada localidade, os jogos escolares estaduais nos dois municípios e um projeto especificamente de futebol.⁵

Em Pelotas acontece anualmente o JEPEL (Jogos Esportivos de Pelotas), *promovido* pela secretaria municipal de educação e desporto e pela superintendência de desporto e lazer, e *executado* e organizado pelo SESC/Pelotas apoiado pela 5ª coordenadoria regional.⁶ Estão aptas a participarem as escolas da rede pública e privada de ensino fundamental e médio, as casas lares e SCFV (Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos), do município de Pelotas. Esse evento possui um regulamento complementar que anuncia em seu *Parágrafo 1º* a utilização das regras oficiais das federações gaúchas das modalidades a serem disputadas.⁷

Em Rio Grande a Secretaria Municipal de Educação e Cultura organiza os Jogos Escolares Municipais no período de Maio a Novembro através dos servidores da Educação Física. Em 2010, 113 equipes se inscreveram em cinco modalidades esportivas coletivas⁸ e 20 equipes no atletismo totalizando 22 escolas⁹.

⁴ Para Damo as “peneiras” são para os meninos “menos providos de capitais sociais”, que não possuem um intermediário que possa os colocar diretamente no “piloto”, as escolinhas. (DAMO, 2005, p.130). No contexto escolar as peneiras acontecem através de seleções realizadas pelo professor para elencar os alunos que melhor desempenham habilidades esportivas em diferentes modalidades.

⁵ Optamos por esses dois municípios por fazerem parte do contexto vivenciado pelos dois autores, essa é a realidade escolar que cotidianamente observamos e pensamos.

⁶ Em 2011 está sendo realizada a 11ª edição do JEPEL e a previsão de envolvimento é de 75 escolas das redes municipal, estadual e particular, com 350 equipes, 5.500 alunos (Site da Prefeitura Municipal de Pelotas).

⁷ Regulamento disponível em: < <http://www.pelotas.com.br/jepel2011/regulamento.php>>.

⁸ Futebol, futsal, vôlei, handebol, basquete.

⁹ João de Oliveira Martins, Zenir de Souza Braga, Rui Poester Peixoto, Olavo Bilac, Admar Corrêa, Mate Amargo, CAIC, Porto Seguro, Bento Gonçalves, Assis Brasil, Buchholz, França Pinto, Peixoto Primo,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA*

Abarcando o estado do Rio Grande do Sul organizam-se os JERGS (Jogos Escolares do Rio Grande do Sul) ¹⁰ que estão em sua 41ª edição e envolve as escolas públicas municipais estaduais e federais. Segundo a Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul “Em 2010, os JERGS foram desenvolvidos nas 30 Coordenadorias Regionais de Educação com a participação de 460 municípios, 2.500 escolas e aproximadamente 227.000 alunos, além de professores e toda a comunidade escolar”.¹¹ A competição se estende por nove meses (Abril a Novembro) e é dividida em quatro fases, começando nos municípios, coordenadorias regionais, regiões do estado e por fim a final estadual. Os alunos que chegarem à final dos JERGS podem participar das Olimpíadas Escolares Nacionais, organizada pelo COI, Ministério da Educação e Rede Globo de televisão.

Com o presente trabalho, temos como objetivo principal, compreender algumas concepções de esporte, presentes nas instituições propositoras das competições e analisar alguns dos seus objetivos.

METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Tivemos como primeiro processo metodológico a elaboração de um estudo coletivo acerca das produções da área da Educação Física que versavam sobre o tema dos esportes e das competições escolares, fossem na perspectiva da política pública ou em outras. Após ficharmos as leituras, pudemos fazer o debate de como dar prosseguimento ao trabalho. Segundo Marconi e Lakatos (2003) “A ficha sendo de fácil manipulação, permite a ordenação do assunto [...] possibilita ainda uma seleção constante da documentação e de seu ordenamento.” (p.48). A partir de então se elegeu a análise de documentos. Pois que

Clemente Pinto, Silvia Centeno, Wanda Rocha, Altamir de Lacerda, Viriato Corrêa, Sant’Ana, Helena Small, Cristóvão Pereira e Cipriano Porto Alegre.

¹⁰ Os JERGS foram criados em 1970, nesse período a Educação Física iniciou um processo de subordinação aos ideais da instituição esportiva, atuando desde então a serviço do esporte olímpico, do sistema desportivo nacional e internacional. Os ideais eram/são o “rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc.” (COLETIVO DE AUTORES, 2002, p.37).

¹¹ Sobre os JERGS, informações e regulamento:

<<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/jergs.jsp?ACAO=acao1>>. Acesso em 19 out. 2011.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA***

“não são apenas as pessoas vivas que constituem fontes de dados”, assim como também porque “a análise documental pode se construir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LÜDKE,1986, p.38). Por certo que o termo *documento* pode remeter a alguma limitação, aquele que lembra uma folha de papel A4 com timbre, marca d’água e carimbada, nesse trabalho ele é tomado como qualquer expressão material de um universo cultural. Mas também não pudemos ficar só nas “fontes de papel” (GIL, 1999, p.160), logo que um dos espaços privilegiados para a comunicação em nossos dias é a Internet, que não se encaixa no conceito “de papel”.

Então, partiu-se para buscas na internet a fim de encontrar elementos que pudessem enriquecer nosso trabalho. Os últimos recursos intelectuais que utilizamos foram os cotejamentos entre nosso referencial teórico e o material colhido dos sites, em busca de complexificar análise e possibilitar o desenvolvimento do estudo.

LEVANTAMENTOS SOBRE O ASSUNTO

O desenvolvimento e expansão do esporte no decorrer do século XX, incorporando ou inibindo outras manifestações da cultura de movimento, transformou-o na grande síntese que o projeto liberal vinha produzindo para a Educação Física escolar. Trazendo novas consequências positivas àquelas já objetivadas – postura, saúde, nacionalismo, produtividade - o esporte contribui como política pública para a funcionalização, socialização e ideologização, isto é, para o aprendizado e adequação às normas e códigos de funcionamento da sociedade burguesa capitalista (PIRES, 2005, p.11).

Contaremos agora, uma breve passagem ocorrida com uma professora, logo após o término de sua graduação em Educação Física. Ela integrou-se a uma rede municipal de ensino, e no início do ano letivo, foi convocada para uma reunião, com os professores de Educação Física daquele município, na secretaria de educação. Nesse momento, todos os professores daquela área tomaram conhecimento de uma sequência pronta dos esportes a serem trabalhados seguindo a mesma ordem do cronograma dos JERGS. A professora que conhecemos, resolveu seguir com seu próprio planejamento, contrariando a indicação daquela secretaria, então, foi cobrada pela secretaria citada



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA***

anteriormente, por não ter realizado “peneiras” nem treinamentos, enfim, quando seus alunos perderam as disputas as cobranças pareciam ter sido justificadas.

A partir dessa pequena história verídica, nos perguntamos: As competições escolares se tornaram o objetivo principal nas aulas de Educação Física? As escolas almejam se sair bem (vencer) nas competições esportivas e a responsabilidade é principalmente dos professores de Educação Física, que acabam por elencar o esporte como conteúdo principal e muitas vezes o único da Educação Física escolar? Parece o esporte estar se tornando a “língua dominante” no contexto da Educação Física escolar, e parece muitas vezes querer se tornar a “língua única” (GRAEFF, 2009). Dentre as consequências desse aprisionamento talvez possamos citar o “abandono docente”¹² e a restrição dos temas mais amplos da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 2002).

O fenômeno esportivo moderno cada vez mais se sobrepõe a outras formas de práticas corporais, ocupando lugar de destaque nos meios de comunicação e no imaginário da população. As práticas corporais na contemporaneidade estão sendo esportivizadas, “mesmo oriundas de culturas e significações diferentes daquelas que o esporte preconiza: racionalização, burocratização, competitividade, etc. (GRAEFF, 2009)”. Tal esportivização é positivada constantemente nos discursos populares em que o esporte “é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de ‘formar o caráter’ e inculcar a vontade de vencer... (BOURDIEU, 1983, p.140)”.

Poderá a escola possuir uma cultura própria em oposição a uma cultura dominante de rendimento que passou a conduzir as práticas escolares, nesse caso, as esportivas? Para Bracht (1986) a Educação Física precisa largar mão desta visão “parcial e falseadora da nossa prática social, produzida por uma metodologia positivista e fragmentada (p.62)”.

A escola pode, por exemplo, problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico, por exemplo. Agindo assim, ela produz uma outra forma de apropriação do esporte, produz um outro conhecimento acerca do esporte.

¹² Para Graeff (2009) muitas vezes os professores acabam “largando a bola” para que seus alunos “praticuem um esporte”, cumprindo assim suas obrigações formais, não abrindo mão de seus salários e status como professores, mas abandonando o papel de docentes.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA***

Enfim, produz uma outra prática cultural de esporte. Com ela, a escola vai tensionar com os códigos dominantes da sociedade agregados ao esporte (principalmente com a exclusão da prática cultural de esporte a que a ampla maioria dos alunos é submetida e com a idéia de rendimento e performance que predominantemente orientam o seu ensino na escola) (VAGO, 1996, p.12).

Alguns levantamentos nos provocaram reflexões e se apresentam fundamentais para a compreensão dos eventos esportivos escolares, como: por que os alunos jogam; que relações se estabelecem entre os jogos (formação de equipes, seleção de jogadores, treinamentos etc.) e as aulas de Educação Física; porque os professores decidem pelos procedimentos técnicos (treinamento e seleção) ao invés das aulas de Educação Física (procedimentos didático-pedagógicos) ¹³; como são organizadas as equipes que representam as escolas; em que grau esta representação está implicada no contexto dos jogos; como são organizados os jogos; por que as escolas participam dessas competições; quais os ganhos e perdas que resultam das disputas (nos seus diferentes sentidos); o fenômeno do abandono docente é constantemente observado na educação física escolar, porém quando se trata de competições esportivas alguns professores passam a demonstrar interesse, a dedicar tempo, se mobilizar, etc.; a autonomia do professor, em relação às suas aulas, é colocada em segundo plano diante do desejo da escola de ser “bem vista” nos jogos escolares perante as outras escolas. ¹⁴

Tratando das demais instituições envolvidas e de uma possível dominação sobre a instituição escolar, podemos pensar em um segundo bloco de levantamentos: como o ministério do esporte “inspirado” na FIFA e no COI, através das secretarias e prefeituras impõe-se sobre as escolas e professores; por que as secretarias e ministério da educação imprimem tal valoração a esses eventos; como as prefeituras têm atuado/influenciado na participação das escolas nos jogos escolares e o que realmente está em disputa nesses “jogos”. Tendo em vista o grande número de alunos que competem em busca de medalhas, podemos considerar que esses eventos são uma exposição/feira de talentos e o incentivo a realização de competições escolares estaria a serviço de instituições esportivas dominantes e empresas investidoras.

¹³ Há indicativos de que sim: Arroyo, 1985; Santini e Molina Neto, 2005; Lapo e Bueno, 2003, etc.

¹⁴ Para Bracht e Caparroz (2007) ao reconhecer sua autoridade docente o professor poderá compreender e construir sua autoria docente baseado no processo contínuo de ação-reflexão-ação no cotidiano da prática pedagógica, percebendo-se construtor desta e não mero executor (p.31)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA***

Ao observarmos alguns discursos sobre os eventos esportivos escolares a serem investigados, é possível perceber certa desconexão entre o que é dito e o que é oportunizado no decorrer das competições e o que está descrito nos regulamentos. Nos trechos abaixo notamos a presença da funcionalização da prática esportiva, a utilização da instituição escolar para o reconhecimento e seleção de talentos esportivos, o direcionamento da preparação para as aulas de Educação Física, a crença no esporte educacional, a educação para certa “cidadania” e “democracia”, e ainda termos motivacionais como integração, vivência, experiência, espírito de grupo, etc.

O Projeto Bom de Bola é um campeonato escolar que promove o esporte amador, a educação para a cidadania e o desenvolvimento humano, democrático e integral de crianças e jovens. (PROJETO BOM DE BOLA, 2011).¹⁵

Incentivar a integração entre a escola e a comunidade, através das atividades esportivas, reforçando o espírito de grupo entre as escolas, possibilitar a identificação de novos talentos esportivos e proporcionar novas vivências, inclusive em competições nacionais (Sobre os JERGS - Site da SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL).¹⁶

A SMED acredita que a prática esportiva como instrumento educacional visa o desenvolvimento integral das crianças, jovens e adolescentes, capacita o sujeito a lidar com suas necessidades, desejos e expectativas, de forma que o mesmo possa desenvolver as competências técnicas, sociais e comunicativas, essenciais para o seu processo de desenvolvimento individual e social. (Site da PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS).¹⁷

Promover encontros esportivos educacionais com a finalidade de trocar experiências entre todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem da disciplina de Educação Física (Site da SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO RIO GRANDE).¹⁸

Para que esses ideais destacados nos excertos sejam trabalhados efetivamente se faz necessária uma intervenção pedagógica, que se aproxime de uma “conscientização”,

¹⁵ Disponível em: <<http://www.bomdebola.org.br>> Acesso em: 12 nov. 2011.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/jergs.jsp?ACAO=acao1>> Acesso em: 12 nov. 2011.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/noticia.htm?codnoticia=27357>> Acesso em: 12 nov. 2011.

¹⁸ Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/smec/?page_id=975> Acesso em: 12 nov. 2011.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA***

sobre essas atividades esportivas, que “automaticamente” (BRACHT, 1986, p.66) não irão atribuir sentidos a outras dimensões do conhecimento.

Tomemos como exemplo o projeto Bom de Bola, uma competição de futebol, *promovido e coordenado* pelo grupo RBS e *executado* pelas secretarias municipais de educação.¹⁹ Podem participar do projeto equipes masculinas e femininas de escolas públicas estaduais, municipais e federais e escolas privadas. Esse evento acontece no RS desde 1995 patrocinado pela empresa Parati. Os jogos são divididos em três fases, a primeira delas é municipal e *conduzida* pelas secretarias municipais, a segunda fase é regional conforme as 12 regiões de cobertura da RBS TV²⁰ e a fase final define o campeão estadual.

As palavras destacadas em itálico demonstram parte do papel das instituições e dão a entender com quem está o comando dessas ações ou a serviço de quem elas estão. As escolas e os sujeitos que as constituem representam uma classe de mãos e “pés-de-obra”²¹ (DAMO, 2005) nesse cenário esportivo escolar.

No caso do Projeto Bom de Bola existe ainda outra relação impregnada que precisa ser dialogada: a mercadorização do esporte. Pode-se dizer que houve um processo de transformação do esporte de manifestação da cultura em mercadoria de consumo (SOUZA, 1991). A partir dessa percepção os valores investidos no esporte passaram a aumentar assim como a expectativa de retorno sobre o capital investido (PIRES, 1998). Os empresários buscam assim um maior número de espectadores para o consumo do esporte como mercadoria ou bem simbólico (BOURDIEU, 2005) que por sua vez é o veículo de divulgação de suas mercadorias. O meio futebolístico oferece um amplo mercado com uma diversidade de produtos, dentre os quais se incluem os próprios jogadores (DAMO, 2011).

A FIFA desenvolveu, principalmente na segunda metade do século XX, o mercado em torno do campo futebolístico e “se promove como instituição comparada a ONU, tendo por finalidade o conagraçamento das nações por meio do futebol”, porém

¹⁹ Regulamento do projeto Bom de Bola: <<http://www.bomdebola.org.br/index.php?mod=arquivos&id=13>> Acesso em: 19 out. 2011.

²⁰ O município de Pelotas participa por sua própria região de cobertura assim como Rio Grande, denominadas Região de Cobertura da RBS TV Pelotas e Região de Cobertura da RBS TV Rio Grande, respectivamente.

²¹ Aproprio-me do termo utilizado por Damo (2005).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA**

não é assim que se apresenta, atuando constantemente de modo impositivo sobre os negócios e regulamentações do futebol (DAMO, 2011, p. 91).

De certa forma é possível estabelecer algumas relações com o que acontece no Projeto Bom Bola que é coordenado e patrocinado por empresas com seus próprios interesses e executado pelas secretarias que aderem aos interesses dessas instituições impondo que as escolas como um todo, cumpram suas exigências. No entanto o projeto é divulgado através dos seguintes discursos: promover a continuidade do processo pedagógico vivenciado nas aulas de Educação Física; desenvolver os princípios que norteiam o esporte educacional do Rio Grande do Sul: educação, integração, cooperação e participação; situar a escola como centro esportivo e formativo da comunidade; consolidar a parceria dos Governos Municipais com a iniciativa privada, em nível esportivo.²²

Assim, não pode mais a Educação Física, enquanto campo de conhecimento, ficar limitada ao ensino de enfoques técnicos/táticos do esporte. Para além das suas aplicações práticas na forma competitiva ou como conteúdo pedagógico, seja na escola ou fora dela, o esporte precisa converter-se em um dos nossos **objetos de estudo**, espaço onde as diversas abordagens possíveis para a construção de um conhecimento específico, que amplie o entendimento acerca deste fenômeno social, venham a dialogar (no sentido apontado por Trebels, 1992), revelando lacunas existentes na sua compreensão a fim de orientar as pesquisas neste campo, sem excludências *a priori* nem o escamoteamento das suas diferenças (PIRES, 1998, p.33).

POSSIBILIDADES NO DESENVOLVIMENTO DO ESPORTE ESCOLAR

Compartilhamos com Bourdieu (1983) a intenção de se interrogar, no caso deste estudo, não apenas sobre as práticas esportivas escolares e suas variáveis, mas sobre o próprio sentido que estas práticas assumem nas relações entre instituições, professor e aluno. Aceitamos o desafio proposto pelo autor de nos perguntar sobre as condições que tornam possíveis a consolidação do “sistema de instituições e de agentes” ligados as práticas de consumos esportivos que asseguram os interesses dos praticantes, enquanto elaboram e aplicam, através de determinações incontestáveis, as normas que regem essas práticas e seus “produtores e vendedores de bens e de serviços necessários a

²² Regulamento Geral 2011 do Projeto Bom de Bola, Capítulo I Da Organização, Art.3.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA*

prática do esporte” (p. 137). Podemos considerar como bens e serviços, para fins desta discussão, os próprios alunos/atletas e professores/treinadores.

Pensando o esporte a partir de uma lógica “estrutural-funcionalista” (BRACHT, 1986) é comum a afirmação de que o esporte educa ou o termo esporte educacional. Porém no esporte podemos identificar “ideias ou valores que levam ao conformismo, como é o respeito incondicional a regras”, pois caso algum jogador resolva se inconformar com alguma das regras, imediatamente ele será excluído da partida. Ainda é comum no esporte a ideia de que todos podem vencer, basta querer, o que explicaria as indiferenças sociais (p.64-65). Será então que podemos dizer que o esporte educa? Ou seria mais apropriado pensarmos em o esporte acomoda ou o esporte educa para o mercado ou ainda o esporte educa a serviço das classes/instituições dominantes?

Com isso, não se pretende negar o esporte e sua influência no ambiente escolar e sim trabalhar no sentido da construção de uma pedagogia esportiva possibilitando o acesso a uma cultura esportiva desmistificada que envolva a análise crítica dos fenômenos esportivos e a contextualização das diferentes realidades sociais e culturais (GADOTTI, 1983; BRACHT, 1986).

Não é raro ouvirmos falar sobre algum professor de Educação Física escolar que no período de sua aula tenha apenas “largado a bola” para os alunos, ou que tenha permanecido na quadra apitando uma partida sem intervenções além daquelas previstas no regulamento do esporte praticado. Mas porque isso acontece com alguns professores de Educação Física?

Para Caparroz e Bracht (2007) até a década de 1980 a discussão pedagógica nos cursos de Educação Física não ultrapassava os limites da didática voltada para o ensino da técnica, ocasionando uma despolitização no debate educacional. “Os professores devem valer-se de sua autoridade e de sua autoria docentes para buscar sua autonomia [...] construir sua prática pedagógica e não apenas aplicar algo elaborado por outros (p. 34).”

[...] o trabalho docente reclama continuamente um labor criativo e um sentido e exercício constante de prospecção e, de certo modo, isso implica o abandono de uma rigidez planificadora (que acaba por “encaixar” a vida em categorias e determinar a priori o que ainda está por se viver) em favor de uma postura na qual os delineamentos são pensados tendo em conta que é da tensão permanente entre a dimensão da realidade e a dimensão do que se



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

***ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA***

idealiza que se materializa a vida possível e que este possível depende das ferramentas que temos (e das que nos disponhamos ter), tanto para construir a dimensão idealizada como para enfrentar e confrontar a realidade e aquilo que ela nos apresenta e nos impõe (CAPARROZ e BRACHT, 2007, p.29).

Acredita-se que ao se perceber como sujeito autônomo no desenvolvimento de uma prática pedagógica da qual ele próprio é o autor, o professor de Educação Física terá a possibilidade de atrelar um sentido a sua prática docente (CAPARROZ e BRACHT, 2007). O treinamento esportivo apresenta-se no contexto escolar como uma aula de Educação Física executada mecanicamente. Essa reprodução do método esportivo influencia o engessamento da atuação autônoma do professor e dificulta a atribuição de um sentido a sua prática, possivelmente impulsionando o seu abandono. A instituição escolar tem papel fundamental nesse processo, proporcionando apoio pedagógico ao professor e discutindo com ele (não determinando) sobre a inclusão das políticas educacionais, nesse caso as esportivas no planejamento das aulas de Educação Física.²³

Stigger (2005) reúne em um texto alguns autores fundamentais para se compreender o esporte em diferentes dimensões²⁴. Dentre os diferentes aspectos abordados por esses autores destaca-se a “transposição das características” para a maioria das manifestações esportivas, desconsiderando as “diferentes possibilidades de manifestação do esporte” e conduzindo ao “obscurcimento de uma heterogeneidade” das práticas cotidianas (p. 63). Próximo a isso, no contexto brasileiro, Vago (1996/2) propõe que a escola pode produzir uma cultura escolar de esporte em substituição à reprodução das práticas esportivas hegemônicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

²³ Para uma discussão sobre os planejamentos em educação, inicialmente, proponho os estudos de SAVIANI, *Educação brasileira: Estrutura e sistema*. 7ª ed., Campinas: Autores Associados, 1996a; *Política e educação no Brasil*. 3ª ed., Campinas: Autores Associados, 1996b; *Da nova LDB ao novo Plano Nacional de Educação: Por uma outra política educacional*. Campinas: Autores Associados, 1998, 184 p.

²⁴ Michel Bouet (1968), Jean-Marie Brohm (1976 e 1978), Allen Guttmann (1978), Richard Mandell (1986) e Donald Guay (1993).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA**

Este estudo se apresenta até o momento, com mais pretensões do que conclusões, pois ainda mantém proximidades com sua estrutura inicial de projeto. Assim, para este momento, nossos objetivos foram compreender quais as concepções de esporte, presentes em algumas instituições propositoras de competições esportivas escolares e analisar os objetivos dessas competições.

A partir desses objetivos aceitamos o desafio de nos interrogarmos e fazer interrogar, sobre as práticas esportivas escolares e sobre o próprio sentido que essas práticas assumem nas relações entre instituições, professor e aluno.

Acreditamos que a reprodução desse método esportivo seletor influencia o engessamento da atuação autônoma da comunidade escolar e dificulta a atribuição de um sentido aquela prática.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter; CAPARROZ, Francisco E. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.28, n.2, p. 21-37, jan. 2007.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Brasiliense, p.136-153, 1983.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 2009.

BRASIL, LEI n.º 9394, de 20.12.96, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB), Diário da União, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.96.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DAMO, Arlei. Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. Produção e consumo de megaeventos esportivos - apontamentos em perspectiva antropológica. **Comunicação, Mídia e Consumo** (São Paulo. Impresso), v. 8, p. 67-92, 2011.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA**

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação**. São Paulo, Autores associados, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989. 323p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 1999.

GRAEFF, Billy. Esportes – aula 1. Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAPO, Flavinês R.; BUENO, Belmira O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.118, p.65-88, 2003.

MAGNANI, J. Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 17 (49), jun., São Paulo, 2002.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EDU, 1986.

PIRES, Guilherme de L. A Escola, a Educação Física e as Políticas Públicas: quais são os projetos para o esporte escolar? **Rev. Metropolitana de Ciências do Movimento Humano**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 9-15, 2005.

_____. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá-PR, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, V.. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 209-222, 2005.

SAVIANI, Dermeval. Sistemas de ensino e planos de educação: o âmbito dos municípios. **Educação e Sociedade**. Dez., 1999, vol.20, no. 69, p.119-136.

SAWITZKI, Rosalvo L. Esporte escolar: aspectos pedagógicos e de formação humana. **Motrivivência (UFSC)**, v. n.31, p. 132-142, 2008.

SOUZA, Ana Márcia. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano**. (Dissertação de Mestrado em Educação). Florianópolis, UFSC, Centro de Educação, 1991.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, esporte e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (Coleção Educação Física e Esportes).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

*ESPORTE E ESCOLA: AS COMPETIÇÕES ESCOLARES E AS DISPUTAS
QUE ESTÃO EM JOGO DENTRO E FORA DA ESCOLA*

VAGO, Tarcísio Mauro. “O esporte na escola” e “o esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente – um diálogo com Valter. **Revista Movimento**, Porto Alegre, Ano III nº 5 – 1996-2.

Recebido em: 19/04/2012
Aprovado em: 10/05/2012